



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RELAÇÕES E NOVAS CONFIGURAÇÕES NUMA COMUNIDADE DO RECIFE: A EXPERIÊNCIA DA REDE COQUE VIVE

Rafaela de Melo Vasconcellos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE

rafa.mvasconcellos@gmail.com

Tido como um dos lugares mais perigosos do Recife, o Coque é associado, no imaginário popular, ao medo e à violência. No entanto, assim como outros espaços populares, a comunidade tem uma história de resistência e mobilizações sociais, principalmente em relação à luta pela posse da terra nos anos 80, pouco evidenciada hoje na cidade. Desde 2006, a Rede Coque Vive produz colaborativamente com moradores do bairro representações midiáticas que vão de encontro ao estigma da violência e discute a relação favela/cidade. Diante da relação formada por três instâncias distintas – ações extensionistas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e dois grupos da comunidade: o coletivo de jovens Movimento Arrebentando Barreiras Invisíveis (MABI) e o Núcleo Educacional Irmãos Menores Francisco de Assis (NEIMFA) –, a experiência da Rede Coque Vive suscita uma série de questões: a partir de que elementos se dá o processo de identificação entre seus membros? Quais os valores, os processos e as dinâmicas internas que norteiam suas ações? Como esse movimento atual se legitima diante do contexto do passado? Como suas mudanças de configuração e seus desafios podem contribuir na discussão atual dos e sobre os movimentos sociais?

1. Introduzindo o Coque: uma breve contextualização

Localizada no coração do Recife, a comunidade do Coque é tida como um dos lugares mais perigosos da cidade. Com cerca de 12.500 habitantes (EMLURB, 2000), está num entrecruzamento de caminhos, dentro de um mosaico de avenidas, pontes e viadutos que ligam diferentes partes do Recife, incluindo aí seus pólos comerciais, médicos e bairros centrais. O emblema do Coque como favela se dá pelo processo de ocupação da área, iniciado há cerca de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

100 anos, sobre um antigo aterro de lixo existente no manguezal da ilha de Joana Bezerra (VALE NETO, 2007). Constituída por negros descendentes de escravos e famílias que migraram do Agreste e da Zona da Mata de Pernambuco e de outros Estados do Nordeste brasileiro, a maioria de seus moradores ocuparam a área na busca por uma vida digna na cidade. Estabeleceram-se às margens do Capibaribe, na beira da maré e dos manguezais; construíram casas de tábuas e as chamaram de lar, onde educaram gerações de filhos e netos; enfim, fizeram sua história e a da cidade.

Mais um caso de desigualdade social no Brasil, não é à toa que o Coque possui o quarto maior percentual da cidade referente à quantidade de pessoas que vivem com renda de até um salário mínimo (42,52%), segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Recife (2005). Tem também, segundo o Mapa do Fim da Fome II, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo da região metropolitana, contrastando com os de áreas vizinhas, como a Ilha Paissandu, onde vem se construindo, à beira do rio, os prédios mais caros do Recife ; ou do bairro de Boa Viagem, com IDH semelhante ao de países como a Holanda. Por estar numa área privilegiada da cidade, a comunidade vem sofrendo, principalmente a partir dos anos 70, um processo de “expulsão branca”, marcada pela especulação imobiliária e intervenções urbanísticas em torno da Ilha Joana Bezerra.

No entanto, é válido ressaltar que, como vários espaços populares, o Coque também foi espaço de uma série de lutas e de mobilizações sociais, se tornando ele mesmo um dos principais bairros do Recife a lutar pela posse da terra na década de 80. Tal processo aconteceu, em boa parte, devido à percepção, por parte dos moradores das classes populares, de que a terra urbana, com asfalto, ônibus, água, dentro da cidade, é sua terra de direitos e, portanto, se organizam, estudam a legislação e dão início a um intenso processo de mobilização (VALE NETO, 2010, p.108) chegando até mesmo a reivindicar o direito à posse da terra ao presidente militar, João Batista Figueiredo¹, bem como, impedir a venda da Ilha de Joana Bezerra a um grupo que desejava construir um *shopping center* na região².

¹ Favelados cobram promessa de Figueiredo. (Diário de Pernambuco / CADERNO 1 A Geral p.12, 20.08.1981)

² Projeto sobre venda de ilha é retirado (Diário de Pernambuco / CAPA, 25.01.1985)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

É justamente por esse momento que Santos chega a identificar o Coque como um dos grandes movimentos de ocupação da terra urbana do país, ainda no Regime Militar:

Entre 1977-81, houve em Recife sessenta ocupações (cerca de duas por mês), com o fortalecimento dos movimentos populares urbanos pela legalização da posse da terra. Várias associações de moradores foram criadas: Coque, Ilha do Joaneiro, Mamanguape, chie, Brasília Teimosa (SANTOS, 2008: 136)

Em outro momento, encontramos na matéria “Guerrilha urbana começa com invasão de terrenos”³ de 1981, a seguinte passagem:

(...) muitas favelas da área central desapareceram como o Cais do Areal, parte do Coque e em Santo Amaro -, em obediência às mesmas necessidades de desocupar o solo para a construção de obras viárias. O Coque foi uma das únicas áreas pobres a continuar resistindo e, hoje, sustenta uma forma diferente de luta, dentro do conjunto de lutas que estão sendo realizadas na guerrilha generalizada. Isto é: os moradores do Coque, desde algum tempo, vem procurando melhorar as condições de vida do local e estão aguardando, com impaciência, a resposta de reivindicações feitas por carta ao Governador Marco Maciel”.

Além disso, como afirma Neide Silva⁴ (2010), coordenadora da ONG ETAPAS – Equipe Técnica de Assessoria Pesquisa e Ação Social –, “nos anos 80, o Coque reuniu diversas ações, boa parte delas ligadas à Comissão de Justiça e Paz de Dom Hélder, mas também outras diversas como grupos ligados a Paulo Freire, aos ideais socialistas, e até participações internacionais como a da ONG francesa Frères des Hommes”. Segundo Neide, uma série de ONGs bastante atuantes hoje na cidade do Recife, como a própria Etapas, a FASE, o Centro Josué de Castro, entre outros, possuem relações bastante estreitas, em sua origem, com os movimentos sociais e a atuação da Igreja na comunidade do Coque.

Nesse período, destacou-se a atuação de um movimento interno denominado “Grupão”, formado tanto por moradores do Coque, como por outras pessoas empenhadas numa ação

³ Diário de Pernambuco, CADERNO 1A, Geral, p.16 - 10/04/81

⁴ Em depoimento à Rede Coque Vive para o documentário Coque: histórias da Terra em 27/10/2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

coletiva na comunidade: jovens, médicos, enfermeira, nutricionista, sociólogo, economista, estrangeiros. Eles se reuniam num galpão construído numa das principais ruas do bairro, para desenvolver um trabalho de base com a população e lutar pelos direitos de quem morava no local. O “Grupão” surge mesmo como um celeiro de militantes e lideranças atuantes ainda hoje, tanto na comunidade, como fora – como é o caso dos políticos Luciano Siqueira (PCdoB), Waldemar Borges (PSB) e de profissionais do terceiro setor, como Neide Silva (ETAPAS) e André Gerard (TV VIVA).

2. Da violência simbólica: o problema do estigma

Além de uma conjuntura social extremamente difícil, com graves problemas de desemprego, educação, saúde, moradia e saneamento, o Coque possui um problema também de ordem simbólica: é estigmatizado como um dos mais violentos do Recife. Sua população é tida como “gente violenta e perigosa”, em grande parte devido às próprias representações midiáticas que insistem em cristalizar a comunidade na ação ilícita de alguns grupos associados ao tráfico e/ou roubos acontecidos nas cercanias da Ilha de Joana Bezerra. Assim, o Coque se tornou um território de medo para a cidade⁵, é visto como ameaça à segurança dos arredores, tanto que parece impensável que alguém que habite em outros espaços da cidade pretenda, de bom grado, lhe fazer uma visita. Na estação de metrô Joana Bezerra, há muitos alertas por parte dos guardas: “cuidado, você pode ser roubado, há muitos malandros por aí”. Esses alertas são corriqueiros, assim como o preconceito claro nos discursos, quando, por exemplo, o ônibus passa pelo viaduto Joana Bezerra: “Construíram uma Academia da Cidade pros marginais malharem”. Muitos moradores se queixam de que a simples menção ao nome Coque no currículo ou numa entrevista de emprego pode ser determinante no processo de escolha dos candidatos à vaga de trabalho.

3. Das origens da Rede Coque Vive

⁵ Entre outros exemplos, a matéria “Rota do medo” (VIDA URBANA, p.2 – 25/10/2003) a jornalista afirma o Coque como um “território” perigoso e que o próprio nome do bairro Coque se tornou o sinônimo do medo na cidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Diante desse quadro de violência simbólica, marcado pelo estigma da violência e do medo, um grupo de jovens moradores do Coque ousou fazer um convite a um estudante de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco em 2005: produzir um jornal-colaborativo que fosse na contramão das representações midiáticas negativas produzidas pelos grandes meios de comunicação sobre o bairro. Foi publicado, então, no ano seguinte, o Jornal Laboratório “Coque”, sob a coordenação da professora Yvana Fachine do Departamento de Comunicação Social da UFPE. O trabalho coletivo do então 6º período do curso de Jornalismo e jovens do Coque foi reconhecido com o Prêmio Caixa de Jornalismo Universitário e desencadeou um outro convite, feito por duas organizações do bairro: o Núcleo Educacional Irmãos Menores Francisco de Assis – NEIMFA, uma associação que existe no bairro há mais de 20 anos, e o grupo de jovens associados à música do Movimento Arrebentando Barreiras Invisíveis – MABI. A ideia era que a Universidade se detivesse, a partir de um projeto de extensão, a refletir, a partir de processos de formação política, sobre a estigmatização do bairro nos meios de comunicação e a produzir, a partir de novas mídias, formas diferenciadas de ser reportar sobre o Coque.

Assim, a partir da publicação do jornal, em 2006, iniciou-se um processo arqueológico e afetivo entre o bairro e a UFPE que pode ser sintetizado na constituição, no mesmo ano, de um projeto de extensão chamado “Coque vive”. Arqueológico, porque, no projeto, houve um comprometimento de compreender de que forma o dispositivo da violência estava imbricado com o nome da comunidade, a partir das mídias. E afetivo porque houve também o surgimento de um vínculo a partir da amizade estabelecida entre os estudantes universitários e as pessoas que faziam parte do MABI e do NEIMFA, preocupados com a prevalência da violência nas representações midiáticas do bairro. (VALE NETO, 2010 , p. 13).

É do encontro de estudantes da UFPE, jovens do MABI e formadores da associação NEIMFA que se origina a Rede Coque Vive em 2006. Com uma série de ações nas áreas de Comunicação, Educação e Cultura, a Rede Coque Vive publicizou de 2006 a 2010, diversas mídias que apontam uma nova forma de falar sobre o Coque, incluindo impressos, fanzines, sites e, sobretudo, produtos audiovisuais. Todas essas produções, realizadas no âmbito de um projeto de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

extensão universitária, apontavam justamente para um Coque muito além da violência e/ou do medo. A experiência exitosa na área de comunicação fez a iniciativa ser reconhecida por prêmios importantes, como o 2º lugar no Prêmio Nacional de Educação em Direitos Humanos (2008-2009), promovido pela Fundação SM/MEC, na modalidade extensão universitária; o Prêmio Pontos de Mídia Livre, outorgado pelo Ministério da Cultura (2009) e recentemente foi contemplada com o Selo Prêmio Cultura Viva (2010), iniciativa do Ministério da Cultura que valoriza iniciativas que realizam atividades no âmbito da articulação entre cultura e comunicação. Além disso, foi, durante os anos de 2007 a 2010, apoiada como programa de extensão do Ministério da Educação e Ministério da Cultura.

Apesar de os integrantes da Rede possuírem lógicas e atividades distintas, eles “compartilham uma compreensão comum quanto aos problemas vivenciados pela comunidade, bem como a potencialidade de ações formativas ancoradas em processos comunicacionais críticos, produzindo uma perspectiva singular a respeito das formas de lidar com os segmentos juvenis na localidade.” (AMADOR, 2010, p.82) Tal contexto se traduz num modelo de gestão e produção colaborativo, baseado no vínculo criado entre as pessoas, a partir das práticas cotidianas. Nesse sentido, a experiência da Rede Coque Vive pode ser compreendida como uma prática social que tensiona estruturas de poder, no que diz respeito não só às representações midiáticas, mas de valores e propósitos por uma outra sociabilidade em relação aos espaços populares. Trata-se, pois, de uma experiência que busca reivindicar uma outra comunicação e uma outra forma de se falar sobre o Coque, a partir da crítica midiática, mas também, a partir dos vínculos constituídos e narrados pela Rede Coque Vive, fazer com que a cidade “encontre a si mesma” e, com certeza, derrube os “muros invisíveis”.

4. Das relações criadas no âmbito da Rede Coque Vive

A partir da motivação inicial de transformar as representações midiáticas negativas em torno do Coque e dos seus moradores, um grupo de estudantes de Comunicação Social da UFPE passou a ir ao Coque toda semana para, junto ao Movimento Arrebentando Barreiras Invisíveis e ao Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis, discutir, com adolescentes do bairro em formação no NEIMFA, a análise crítica das mídias, as representações sociais e a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

construção do estigma. Paralelo a esse trabalho teórico, também se realizava uma intensa produção midiática com oficinas práticas de fotografia, vídeo, fanzine, blog, entre outras mídias. Se no começo, os universitários chegavam à comunidade como monitores, os quais precisavam ser acompanhados por moradores para entrar na comunidade, com o passar dos meses, passavam a se relacionar com o Coque como um espaço afetivo de livre acesso, no qual, reportavam havia um grande sentimento de “encontro e sinergia”.

O tipo de relação já era outra, marcada pelo vínculo e proximidade, principalmente devido ao processo colaborativo de produção de produtos midiáticos e circuitos culturais nas escolas. Ao pensar, organizar e trabalhar juntos, assumindo os mesmos papéis, os diferentes sujeitos envolvidos, seja universitário, da classe média, ou estudante do ensino fundamental, de classe baixa, passaram a estabelecer “relações em comum” como avalia Melo e Silva (2010, p.100) em sua dissertação de mestrado:

Especialmente a partir do final de 2008 esse modelo de trabalho mais horizontal e colaborativo foi-se tornando evidente, com o desenvolvimento da Estação Digital de Conteúdos, uma plataforma para a produção e difusão de *mídias de sinergia*, ou seja, mídias produzidas a partir de um trabalho coletivo. É esse trabalho – que inclui produção audiovisual, gráfica e artesanal, oficina de fotografia, realização do Cine Coque, ações comunitárias, produção musical, organização de seminários e debates, desenvolvimento de pesquisas coletivas, entre outras ações – que tem configurado a Rede Coque Vive como um coletivo heterogêneo ligado por vínculos de amizade e sonhos compartilhados. Embora fundados no nível das relações interpessoais, os novos olhares sobre a cidade que se constituem a partir de vínculos como os possíveis na Rede Coque Vive trazem um relevante potencial ético e político, na medida em que questionam a estrutura urbana de segregação.

Brito e Vale Neto (2010), por sua vez, identificaram que, de uma maneira muito singular, a experiência do Coque Vive parecia ir na contramão de uma série de práticas de instrumentalização ou de utilitarismo dos pobres em detrimento de objetivos fins como a própria noção de “público-alvo” presente nas políticas públicas. Não fazia sentido, para esses estudantes universitários, problematizarem os moradores do Coque como “público-alvos” dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

projetos extensionistas, sem que, com isso, houvesse, nessa própria dimensão de “alvo” a auto-problematização dos próprios estudantes e, também, da relação que se instituiu com o espaço. Como dizem os autores (2010, p.21):

Decorridos quase quatro anos da chegada dos primeiros estudantes da UFPE no Coque, parece claro que essas transformações identitárias em curso estão intrinsecamente associadas aos vínculos criados entre os sujeitos a partir do convívio cotidiano no bairro e na universidade. A maior clareza dessa preocupação com uma formação de ordem mais subjetiva que, mesmo intuitivamente, esteve sempre no horizonte das nossas práticas, nos levou a problematizar sobre o próprio sentido da intervenção no Coque para as pessoas nela envolvidas. É curioso observar como esse tipo de problematização raramente ocupa aqueles que intervêm nos espaços populares, pois, muito frequentemente, o *sentido* parece ser confundir com a *finalidade* das práticas. Em uma perspectiva mais fenomenológica, no entanto, o sentido emerge da compreensão, ao mesmo tempo inteligível e sensível, da nossa experiência *com* e *no* mundo.

Segundo afirmam, foi a *presença* cotidiana no Coque que se tornou o objetivo último da ação. Nesse processo, eles afirmam que foram compreendendo que a transformação entre os sujeitos envolvidos na intervenção – jovens moradores do Coque, estudantes e professores da UFPE, voluntários – estava se dando graças, sobretudo, a esse *convívio* regular e intenso no qual aprenderam mais sobre si e sobre os outros, no qual se ajustaram e se contagiaram juntos. Como nos dizem Brito e Vale Neto, “fomos nos tornando verdadeiramente parceiros de uma dança ritmada por conflitos de identidade e alteridade, mas suavizada pela busca sincera da reciprocidade” (2010, p. 23).

5. Mudanças e desafios nas configurações da Rede Coque Vive

Apesar de inicialmente a Rede não ter tido nenhum tipo de financiamento, vale destacar que, na condição de projeto de extensão da UFPE, suas ações vem sendo financiadas com recursos públicos nacionais, obtidos em seleção de editais dos Ministérios da Educação (MEC), da Cultura (MinC), da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT-UFPE), Conselho Nacional de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pesquisa (CNPq), e até de entidades internacionais, como a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO).

No entanto, novas configurações estão surgindo no âmbito da Rede. Se antes ela era composta por três grupos: a) estudantes e professores da Universidade Federal de Pernambuco, através de um projeto de extensão intitulado Coque Vive; b) educadores e membros do NEIMFA (uma entidade situada no Coque) e c) um grupo de jovens moradores não formalizados – MABI; hoje, percebe-se a emergência de um quarto grupo: a Narramundo, uma associação em vias de formalização, composta pelos estudantes universitários egressos, já formados. Por não serem mais universitários, nem se considerarem NEIMFA ou MABI, mas continuarem atuando no Coque, esses jovens estão se institucionalizando na expectativa de ter maiores possibilidades de captar recursos e manter suas ações dentro da Rede Coque Vive.

Nesse sentido, a partir de que elementos se dá o processo de identificação na Rede Coque Vive? Como essa experiência pode ser entendida enquanto movimento social? Como suas questões e seus desafios podem contribuir para a discussão atual do quadro dos movimentos sociais?

Ao combinar a análise da subjetividade das pessoas com a das condições político-ideológicas de um dado contexto histórico, Alberto Melucci (2001) sugere uma perspectiva elucidativa às nossas questões. Tanto ao estabelecer a conexão entre movimentos sociais e necessidades individuais na sociedade contemporânea, como por considerar o processo relacional na criação da identidade coletiva do grupo. Para ele, a identidade coletiva é “uma definição interativa e compartilhada, produzida por certo número de indivíduos (ou grupos em níveis mais complexos) em relação à orientação de suas ações e ao campo de oportunidades e constrangimentos onde estas ações tem lugar”. (MELUCCI, 1996 *apud* GOHN, 1997, p.158). Tal concepção pode nos ajudar na compreensão do caso da Rede Coque Vive, por levar em conta as trocas emocionais e afetivas nesse processo e enfatizar a reflexividade da ação social.

Pelo fato de não haver um arquivo “afetivo-histórico” dos movimentos sociais, e por seus processos de lembrança não serem objetos de problematização, as questões trazidas pela Rede Coque Vive, onde a dinâmica da prática social ganha dimensões de uma prática de “vínculo afetivo e social”, parecem ser novas. No entanto, temos uma tradição de movimentos sociais e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ONGs, que, em sua própria gênese e objetivos, já compreendiam o Coque como um espaço integrado à cidade, reivindicando, assim, um série de direitos *sobre e para* a comunidade. Perguntamos-nos: efetivamente, a experiência da Rede Coque Vive é uma experiência inovadora no âmbito dos movimentos sociais? Quais os valores, os processos e as dinâmicas internas que norteiam as ações da Rede Coque Vive a partir da articulação da extensão universitária com agentes sociais comunitários? Em que medida a experiência da Rede Coque Vive se aproxima e se afasta dos movimentos sociais das décadas de 70 e 80? Que marcas e herança de capital social podemos identificar nessas experiências? Como o movimento atual se legitima diante do contexto do passado?

Acreditamos que tais questões são fundamentais para estabelecer as relações necessárias entre trinta anos de história – 1980 a 2010 - dos movimentos sociais, onde evidenciamos não apenas contextos sócio-históricos e reivindicações distintas, mas também, desejos e metodologias em comum de integração da favela à compreensão de cidade como um espaço de direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADOR, P. A. Q. 2010. **As formas de governo da juventude na contemporaneidade:** um estudo sobre a “Rede Coque Vive”. 122f. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Recife.

BRITO, Y. F. VALE NETO, J. P. 2010. Coque Vive: o princípio do contato, a dinâmica do contágio em uma intervenção social. In: ONÇA, L.A. CAMARGO, E. S. PIERO, A. (Orgs). **Cultura e extensão universitária:** democratização do conhecimento. São João del Rei: Malta.

COQUE, Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. 6º período, 2005.

GOHN, M. G. 1997. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos.** São Paulo: Loyola.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MELO E SILVA, A. C. S. 2010. **O enigma da comunicação comunitária.** Segurança, segregação e vínculo a partir da experiência de grupos de comunicação em periferias do Recife. 133 f. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFPE. Recife.

MELUCCI, A. 2001. **A invenção do presente:** movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes.

RECIFE, **ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO.** 2005. Recife: Editora da Prefeitura da cidade do Recife.

SANTOS, R. B. 2008. **Movimentos Sociais urbanos.** São Paulo: UNESP.

SILVA, R.F.S et all. 2007. **Coque vive: Notícias.** Inventário.

VALE NETO, J. P. 2007. **Coque:** a morada do vínculo. Trabalho de conclusão de curso (mimeo). Departamento de Comunicação Social da UFPE, Recife.

_____. 2010. **Coque: Morada da morte?** Práticas e disputas discursivas em torno de um bairro do Recife. 129f. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação. UFPE. Recife. (mimeo).